

A trajetória musical dos guitarristas do Curso de Extensão da UFRN

Comunicação

*Luciano Luan Gomes Paiva
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
luciano.90@hotmail.com*

*Jean Joubert Freitas Mendes
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Jean_joubertmendes@yahoo.com.br*

Resumo: Este texto consiste em um recorte de pesquisa de mestrado concluída em 2019, que aborda, dentre temáticas específicas, a aprendizagem musical de guitarristas mediada por tecnologias digitais, sob a ótica da complexidade. O campo metodológico apoiou-se em uma pesquisa qualitativa tendo como método a Pesquisa-ação, utilizando como referencial teórico Engel (2000). Para a construção dos dados foram usados diário de bordo, entrevista semiestruturada e questionário complementar com cinco guitarristas participantes de um Curso de Extensão de guitarra elétrica na UFRN. Portanto, o objetivo deste texto é compreender a trajetória de formação musical dos guitarristas em questão, trazendo debates e reflexões a partir das falas dos entrevistados da pesquisa, buscando também interligar as diferentes trajetórias na música. Por fim, esclareço que os guitarristas investigados estruturam suas redes de aprendizado musical, misturando as diversas fontes que têm contato durante sua trajetória na música, organizando-as da melhor maneira possível para seu aprendizado de forma consciente e inconsciente. Essa organização, ao mesmo tempo, contempla todas as fontes de aprendizagem vivenciadas no passado com as novas descobertas e suas possibilidades de ligação, caracterizando como sendo a complexidade na construção do conhecimento musical.

Palavras-chave: Aprendizagem de guitarra elétrica. Trajetória musical de guitarristas. Pensamento complexo.

Introdução

Este texto consiste em um recorte de pesquisa de mestrado concluída em 2019, que aborda, dentre temáticas específicas, a aprendizagem musical de guitarristas mediada por tecnologias digitais, sob a ótica da complexidade. O trabalho completo referenciou-se em alguns autores que debatem sobre o pensamento complexo, mas principalmente em Morin (1999, 2000, 2003, 2015), bem como no âmbito das tecnologias digitais, principalmente em Cernev (2013, 2015, 2016, 2018), Pequini (2016), Beltrame (2014; 2016; 2017) e Vanzela (2016a, 2016b, 2018).

O campo metodológico apoiou-se em uma pesquisa qualitativa tendo como método a Pesquisa-ação, utilizando como referencial teórico Engel (2000). Para a construção dos dados foram usados diário de bordo, entrevista semiestruturada e questionário complementar com cinco guitarristas participantes de um Curso de Extensão de guitarra elétrica na UFRN. Cada guitarrista escolheu seu codinome para ser usado na pesquisa, sendo um guitarrista de gosto pessoal: Joe Satriani, Ozzielzinho, Jimi Hendrix, John mayer e Joan Jett.

Assim sendo, este texto consiste em um recorte de uma pesquisa maior, e, portanto, focalizará em um determinado direcionamento, que é a trajetória musical de guitarristas participantes do Curso de Iniciação à Guitarra Elétrica – CIGE da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN. Portanto, o objetivo deste texto é compreender a trajetória de formação musical dos guitarristas em questão, trazendo debates e reflexões a partir das falas dos entrevistados da pesquisa, buscando também interligar as diferentes trajetórias na música.

A trajetória de formação musical de guitarristas

A primeira questão da entrevista pedia para falar sobre a trajetória musical de aprendizagem na música e dois guitarristas mencionaram o interesse por esta área desde novos, bem como a participação do ensino formal na iniciação musical. Joe Satriani afirma que “o interesse por música existe desde sempre, desde que eu me entendo por gente gosto muito de música e tal, ainda na fase da adolescência, aqui na escola de música mesmo [da UFRN] eu fiz um curso de musicalização, só que aí... é um curso básico, um semestre só”. Ozzielzinho conta que após ganhar uma guitarra ficou sem saber o que fazer com ela e acabou entrando na aula de música da escola que estudava:

ficava blebleblem na bixa [guitarra], depois entrei na aula de música na escola, no Neves. Era aula de guitarra, era individual, cada pessoa ficava lá num canto em uma parte na escola, o professor ia indo e fazendo os direcionamentos, aí o pessoal fazia e ele depois voltava e via como é que estava, mas o que eu vi foi bem pouco porque eu fiz bem pouco tempo (OZIELZINHO).

Os guitarristas consideraram a experiência mencionada como básica ou simples e um dos motivos que pode ter influenciado essa opinião é o fato deles terem passado pouco tempo estudando nessa modalidade/curso. Para Joe Satriani, o curso era oferecido para durar apenas um semestre, quebrando a progressividade do estudo musical e no caso de Ozielzinho, o formato do curso com aulas e acompanhamentos individuais em ambientes coletivos contribuiu para que ele se desmotivasse e desistisse de continuar estudando naquela escola.

Outros dois guitarristas apontaram o ensino não formal em sua iniciação musical, mais especificamente com aulas particulares de instrumento musical, começando inclusive pelo violão. John Mayer comenta que, não acreditava que fosse capaz de aprender a tocar, entretanto, quando sua mãe chamou um professor de violão da igreja para ensinar seu irmão, ficou motivado a aprender música.

por ver meu irmão já ter aprendido alguns acordes e tocava algumas músicas na segunda aula, eu achei interessante: rapaz eu queria aprender também. Então isso aí foi um pontapé inicial para eu aprender violão. Eu tinha 8 anos, foram dois meses de aula. Ele me passou os acordes maiores e menores (JOHN MAYER).

Diante dessa situação, podemos ver a influência familiar para a aprendizagem musical, uma vez que o próprio guitarrista afirma desacreditar que fosse capaz de aprender a tocar algum instrumento, mas ao ver seu irmão tocando mudam suas crenças relacionadas à música. Paarmann (2016) obtém como um dos resultados de sua pesquisa de mestrado que, o principal fator de motivação para estudar música entre os guitarristas investigados é a influência familiar. Nesse sentido, a demonstração de capacidade de aprendizagem musical por um exemplo próximo – neste caso, irmão – leva John Mayer não só a crer, mas a querer aprender um instrumento musical, criando expectativas e projeções para o desenvolvimento dos conhecimentos no âmbito da música.

Foi também com um professor particular de violão que Jimi Hendrix obteve sua primeira experiência musical, considerando-a significativa e direcionada ao desenvolvimento musical, bem como bastante organizada pelo professor. O fato de começar a aprender música no violão não é uma realidade somente desses dois guitarristas do curso de extensão, mas de muitos instrumentistas espalhados pelo Brasil e pelo mundo.

O violão, por ser um instrumento financeiramente acessível, em comparação à guitarra elétrica, que ainda há necessidade de comprar um cabo e amplificador, faz com que muitos guitarristas comecem seus estudos no violão, que necessita apenas dele mesmo para emitir o som minimamente desejado. Mariano (2018, p. 212) aponta para um fator importante na relação da prática da guitarra elétrica com o violão:

O uso do violão é bem característico na escola das múltiplas linguagens da guitarra elétrica brasileira, e podemos comprovar isto pelos primeiros instrumentistas que começaram a se destacar no uso da guitarra elétrica no Brasil, basicamente todos eles vieram da escola violonística e se mantiveram com um caráter multi-instrumentista. Os guitarristas de música brasileira renomados e reconhecidos das gerações seguintes também mantiveram esta característica.

Há ainda, um mito neste segmento de estudo, que recomenda que antes de aprender guitarra deve-se passar pelo violão, como se a guitarra elétrica fosse um instrumento de outro nível, para aprender depois de ter praticado bastante tempo o estudo no violão. Obviamente é apenas um mito baseado no que historicamente acontece no âmbito dos guitarristas, pois ambos os instrumentos são cabíveis de aprendizado inicial e independem do outro para serem estudados, tendo estudos bem parecidos e bem diferentes, mas cada um seguindo sua direção.

Contudo, ressalto que ao aprender um desses instrumentos e depois migrar para o outro, aproveita-se muitos dos conhecimentos e práticas instrumentais, pois além da afinação, mapeamento do braço do instrumento e quantidade de cordas serem iguais, o fenômeno musical é todo interligado, podendo sempre corroborar com experiências passadas em novas vivências, bem como em suas construções de conhecimento musical de maneira sistêmica.

Assim sendo, toda experiência vivida é válida para aprender, inclusive para além dos contextos de instrumentos musicais, que é o caso da guitarrista Joan Jett, que começou cantando quando era pequena e esta experiência contribuiu bastante em sua formação musical e como cidadã no município em que morava, inclusive atingindo certo status na região após ter ganhado um concurso musical de canto.

Por conseguinte, Joan Jett ficou um tempo com menos envolvimento à aprendizagem e prática musical, fazendo com que sua vida se direcionasse para outra área de atuação e a

música se tornasse apenas um *hobby*. Ferreira (2010, p. 8) afirma que “muitos dos que procuram aulas de um determinado instrumento exercem outras atividades profissionais e não têm a música como meio de rentabilidade. Utilizam-na como atividade mental, lazer, em trabalhos voluntários, etc”.

A situação mencionada, de afastamento da aprendizagem musical, também aconteceu com Jimi Hendrix, que teve que dedicar-se mais à família e a uma graduação em Pedagogia e com Joe Satriani, que em determinada fase da vida não pôde manter o foco no estudo do instrumento musical. Seu foco passou a ser no vestibular e ao entrar no curso de Física quase parou de estudar música, pois passou a estudar somente violão e em alguns períodos, mas de forma bastante instável. Na área da Física ele fez Licenciatura, Bacharelado, Mestrado e Doutorado e após isso começou a lecionar em uma universidade no interior e em seguida atuou na gestão da universidade.

Neste sentido, o guitarrista não continuou seus estudos formais de música por motivos pessoais e profissionais, haja vista sua carreira acadêmica na área da Física, pesquisa e gestão pública. Também foi por motivos pessoais e talvez didáticos que Ozielzinho não continuou seus estudos de guitarra na escola onde estudava, uma vez que ele afirma que nunca gostou de ficar repetindo exercícios no instrumento. Talvez o formato de ensino de música na escola fosse desgastante para os alunos e até para o professor, visto que ficar acompanhando em poucos minutos cada aluno pode gerar um desconforto alheio, de espera, ansiedade, com erros, vícios etc.

Esse tipo de experiência também foi vivenciado por Joe Satriani, que após uma experiência satisfatória de estudos em aulas particulares, buscou aulas de guitarra em uma escola especializada de música (privada), que também adotava a forma de ensino mencionada anteriormente. As instituições privadas muitas vezes acabam deixando seu lado empresarial se sobressair em detrimento ao educacional, tratando o aluno somente como cliente e o professor como um simples funcionário, não tendo condições de o docente fazer um trabalho mais especializado e próximo aos alunos.

O ensino individual em aulas coletivas (por acompanhamento) pode estar sendo feito para baratear o salário do professor, que terá que atender a muitos alunos com experiências e perfis diferentes e praticamente ao mesmo tempo. Alguns alunos por sua vez, podem ficar desmotivados em ter que esperar o professor passar por todos os outros alunos para voltar

ao seu acompanhamento, inclusive por ter dúvidas ou estar treinando determinado exercício de forma errada, bem como outras dificuldades inerentes ao aprendizado.

Outro ponto importante também a se pensar, é o fato de o professor não ter o incentivo e/ou formação necessária para formular estratégias que fomentem o ensino de música de maneira coletiva, pois mesmo com perfis e conhecimentos diferentes, é possível proporcionar uma prática de conjunto significativa. Essa prática poderia acontecer com arranjos específicos para cada instrumentista ou grupo de instrumentos, baseando-se no que os estudantes já conhecem e até aonde podem chegar naquele momento da prática.

Como não houve estratégias do professor e da escola nesse sentido, Ozielzinho decidiu sair das aulas de música e ficou dois anos tentando aprender a tocar sozinho por revistinhas e sites de cifra. Da mesma forma aconteceu com John Mayer, que passou determinado período estudando sozinho, para depois começar a experimentar diferentes formatos de bandas na igreja, inclusive em uma orquestra de violões a convite de um professor particular.

O guitarrista expôs este como seu primeiro contato com a partitura, inclusive pelo modelo de aprendizagem e prática em grupo, uma vez que ele deu ênfase na construção de uma aprendizagem de leitura com auxílio auditivo. Mariano (2018, p. 197) ressalta a importância da audição no processo de construção do conhecimento musical, haja vista “através da aprendizagem de ouvido podemos desenvolver nuances que muitas vezes a partitura não consegue expressar”.

Na vivência de formação de bandas, Joan Jett pôde ter, por um determinado período, a experiência de cantar na escola com seus amigos:

Era pra uma feira de ciências, mas a gente depois continuou tocando, era o pai do meu amigo, Gustavo, eles já tinham uma banda, eles tocavam rock e MPB, daí a gente se juntou pra fazer um projeto pra feira de ciência e a gente acabou tocando mais vezes e ensaiando mais vezes do que para a feira de ciências. A gente cantava Cazuza, Legião, Oasis e Beatles também. Até aí era só cantando, até aí, mas eu já estava me sentindo mal por não tocar, eu queria tocar alguma coisa.

Por mais prazerosa que foi a prática musical na escola com os amigos, a guitarrista menciona sua insatisfação em estar somente cantando, ao invés de cantando e tocando algum instrumento musical. Muitas vezes a necessidade de expressão musical de um cantor

ou cantora transcende os limites da voz humana, buscando maneiras específicas de expressar-se musicalmente em outros instrumentos. Assim como também acontece quando um instrumentista sente a necessidade de cantar ou solfejar notas durante sua performance ou seu improviso, tentando expressar-se musicalmente de outras maneiras, que não são as que normalmente acontecem.

Na perspectiva da composição, Jimi Hendrix explicita que o uso de tecnologias ampliou as possibilidades de produção musical:

A sensibilidade humana sempre será humana, mas a tecnologia é fruto da sensibilidade humana. Digamos que o músico ou musicólogo ganhou muito, porque o que ele fez foi ampliar a capacidade dele, se antes ele tinha dois caminhos agora ele tem quatro, cinco, seis com a chegada das tecnologias. A sensibilidade de fazer arranjos bonitos, harmonias incríveis, é perfeito.

Além de ter observado a ampliação de possibilidades de criação e produção musical, o guitarrista pautou um paralelo entre o homem e a máquina, mostrando suas interações que estão acontecendo na contemporaneidade. Ele mostra-se otimista ao verificar que a máquina está interligada ao homem, mas, como sendo parte dele, extensão do homem, desaguando em um homo sapiens melhorado, quiçá um Homo Deus (cf. HARARI, 2016), aumentando suas possibilidades em diversas situações que podem facilitar o cotidiano das pessoas, inclusive no âmbito musical. Contudo, Jimi Hendrix chama atenção, dizendo que “mesmo com máquinas sendo criadas para compor músicas de forma autônoma, não há emoções e, portanto, perde-se em inspiração e riqueza musical”.

Foi em uma formação de banda na escola para tocar em eventos específicos que Ozielzinho conseguiu praticar mais em sua guitarra elétrica, inclusive pelos diversos eventos que motivavam os alunos a estudar mais o repertório e tocar nas apresentações. Depois, ele formou uma banda com alguns amigos e a partir daí direcionou seu aprendizado para o estudo aplicado em músicas específicas de seu interesse, evitando estudos presenciais formais e sistematizados.

Mariano (2018, p. 371) ressalta a importância do estudo musical pautado no aprendizado do repertório, uma vez que “sabemos que é muito positivo este tipo de processo de aprendizagem, pois além de desenvolvermo-nos musicalmente, agregamos mais músicas que podem ser utilizadas em nossas carreiras musicais”. Deste modo, o estudo dos

diversos aspectos inerentes à guitarra a partir do repertório de músicas pode ser uma alternativa para tornar a aprendizagem de guitarra elétrica mais prazerosa aos estudantes que têm dificuldades nos estudos mais tradicionais do instrumento musical.

Ozielzinho esclarece ainda sobre a maneira de estudo mais tradicional, que acaba não sendo tão prazerosa, explanando que “o máximo era pegar exercício, alguma coisa e fazer, mas eu fazia tipo 30 minutos o negócio e nunca mais fazia na minha vida, porque eu não gosto de tá repetindo coisa, aí sei lá, ficava chato, aí eu parava e nunca mais repetia”. Essa postura mostra a falta de um direcionamento nos estudos para a verificação da forma mais atrativa e prazerosa de estudar música, haja vista as diversas formas que o guitarrista já mencionou não gostar de praticar.

Talvez o contato com pessoas que têm ou tiveram a mesma dificuldade de se motivar como aprendizes tivesse dado uma perspectiva ou um ritmo de estudo a partir das interações e trocas de experiências uns com os outros. Um professor, que tivesse a oportunidade de ter um contato mais próximo ao aluno também poderia verificar e organizar a melhor forma de estudo para ele, haja vista o professor já ter passado por muitos caminhos, e isso poderia facilitar o caminhar dos alunos nos estudos da guitarra elétrica. Cernev (2016, p. 19) aponta que, “existem alunos com maior facilidade para aprendizagem, como também alunos que apresentam dificuldades específicas, seja a utilização de uma ferramenta tecnológica ou no entendimento de uma abordagem desenvolvida em sala de aula”.

Em contrapartida ao exposto, Joe Satriani consegue estabelecer bem sua forma de estudar, com boa organização e disciplina, bem como prazer em conhecer mais sobre a música e essa estruturação ritmada para estudo foi influenciada pelo modelo de estudo como pesquisador da área de Física. O guitarrista explica:

Eu trago pra música a forma de como eu aprendi a estudar, porque na verdade como físico e cientista o que a gente faz é estudar, o que eu sei estudar, o que eu aprendi na minha vida foi estudar, então a forma que eu aprendi a estudar eu trago pra música. Então assim, por exemplo, eu pego... sei lá, eu vou pra videoaula do Mozart Melo, por exemplo, ele passa aquelas atividades, então pronto, vou estudar aquilo e quero aprender em tanto tempo isso aqui pra conseguir chegar, mas pra chegar em uma outra determinada técnica tem que estudar o que? Escala, arpejo, então tenho que estudar isso aqui, então eu tento dar essa sequência de estudo mesmo (JOE SATRIANI).

Na fala, é possível identificar que as diferentes maneiras de aprender transcendem os muros que separam as diferentes áreas de conhecimento, corroborando com o pensamento complexo de Morin (1999), que prega uma transdisciplinaridade nas diversas áreas de conhecimento. Portanto, a transdisciplinaridade pode contribuir na forma de como se aprende e ensina, abarcando os diferentes saberes de forma complexa, tirando as viseiras que impedem um olhar sistêmico na aprendizagem musical.

Joan Jett menciona em certo momento da entrevista, que estava mais organizada e conseguindo estudar sozinha, apontando o principal motivo à capacidade de focar no que está buscando: “acho que tá ligado ao fato de você saber o que você quer e querer fazer aquilo não por obrigação ou por alguém tá mandando fazer, é só porque você quer, e aquilo faz bem”. A retirada da obrigação de estudo pode, em certa medida, ajudar na motivação para aprender, pensamento influenciado, talvez, pelas lembranças de estudos escolares, nos quais o professor deliberava os conteúdos que o aluno deveria estudar.

Paarmann (2016, p. 117) esclarece que “o autoaprendiz desenvolve, ao longo de sua trajetória, uma forma de aprender personalizada. Seus gostos musicais, seu ambiente familiar, sua vida sociocultural e até mesmo religiosa vão participar da construção de conhecimento e saberes”. Neste caso, Joan Jett afirma ter escolhido estudar música e por isso se motiva na escolha de seus estudos, pois, dessa maneira, consegue focar exatamente no que quer desenvolver e aprender no que diz respeito aos aspectos musicais envolvidos.

No entanto, Joe Satriani, que demonstrou estar acostumado a organizar seu tempo e seus afazeres relacionados aos estudos, chegou a ficar sobrecarregado de informações e possibilidades neste sentido, haja vista os múltiplos direcionamentos que se pode ter na busca por conhecimento.

Essa quantidade de possibilidades e de fontes de aprendizado pode atrapalhar o avanço no instrumento, e, de forma mais abrangente, nos conhecimentos musicais, uma vez que sem um direcionamento mais específico o aprendiz pode ser mais um a ter dificuldade de selecionar informações a partir de seus objetivos. Nesse sentido, Pequini (2016, p. 99) complementa que:

A gestão de conhecimento é uma habilidade indispensável na contemporaneidade. A oferta de informações é maciça, impulsionada principalmente pela característica dos hiperlinks que multiplicam os

resultados e seus complementos de maneira dinâmica, reforçando o aspecto da complexidade e amplitude de ambientes em rede.

Arone (2014) confirma esta perspectiva, afirmando que, na contemporaneidade, a difusão de informações que ficou acessível às pessoas - após a chamada explosão do conhecimento -, fez com que o conhecimento se apresentasse com maior complexidade, inclusive pelo excesso de informações, dificultando uma visão crítica sobre o que está sendo aprendido. Selecionar informações e fontes de aprendizagem têm sido um desafio para os aprendizes de instrumento musical, haja vista a facilidade de acesso às diversas fontes de informações, que fazem com que os anseios e perspectivas na música aumentem, dificultando o controle da estruturação de o que aprender.

Muitas vezes os aprendizes se apoiam nos amigos e professores para ter um direcionamento específico no instrumento, pois normalmente eles já caminharam por diversos segmentos e podem ajudar nos processos de aprendizagem musical. John Mayer comenta que seu professor particular o direcionou para livros específicos e o ajudou no estudo da técnica da guitarra elétrica, passando exercícios específicos para desenvolvimento desse aspecto. “O ensino informal particular ainda se revela como uma das principais alternativas para o estudo de guitarra. [...] o aluno pode encontrar aquilo que busca de forma flexível e direta, informando ao professor o que especificamente pretende alcançar com as aulas” (FERREIRA, 2010, p. 8).

Jimi Hendrix explica que experienciou situações diferentes quanto à ajuda de amigos e colegas na maneira de abordagem:

Cheguei a ser ajudado, inclusive com algumas alfinetadas e é uma coisa bem vinda as alfinetadas, devemos tirar proveito de toda e qualquer situação pertinente à música, às vezes é uma brincadeira que a pessoa não se toca, às vezes diz com naturalidade, outros por ter uma proximidade de você falam como desafio pra você pensar que tem condição, mas esse outro foi uma brincadeira mesmo, alfinetada literalmente (JIMI HENDRIX).

As alfinetadas mencionadas dizem respeito a supostas metas e apostas, que direcionam o guitarrista a alcançar determinados objetivos no instrumento musical. Isto pode acontecer em diversos âmbitos de aprendizagem na música, estimulados a alcançar o que o outro já alcançou, como um ranking em que a cada degrau subido representa um

músico ultrapassado. É uma corrida musical sem fim e sem lógica artística alguma. Alcançar determinados conhecimentos musicais em diversos aspectos não servem para passar em uma linha de chegada, como em uma corrida, mas para extrair as diversas sensações que as pessoas podem expressar através da música.

O professor de Música pode ser o diferencial neste sentido, direcionando seu aluno para caminhos específicos que ele mesmo já passou e que, muito provavelmente deu certo, podendo desenvolver diversos aspectos relacionados à música, inclusive de caráter reflexivo sobre os deliberados caminhos. Com as múltiplas possibilidades para a aprendizagem musical, ficam à disposição diversas fontes com informações direcionadas a conhecimentos específicos, inclusive com a presença dos recursos tecnológicos, o que aumentou consideravelmente a gama de possibilidades para aprender música. Vanzela, Oliveira e Carvalho (2016) complementam, dizendo que essa explosão de possibilidades tecnológicas é bastante atrativa para os jovens, porém se um professor sugerir um caminho, o aluno pode ter uma fluidez maior no seu aprendizado musical.

Considerações finais

Diante do objetivo deste texto, compreendo que os guitarristas investigados tiveram diferentes trajetórias de formação, porém interligadas de forma atemporal, perpassando por autoaprendizagem, aulas particulares, uso de revistinhas, uso do ouvido, uso de softwares e diversos sites, práticas de diversos formatos de bandas, cursos online e práticas musicais de outras instâncias. Portanto, nesse sentido, a amplitude e diversidade de possibilidades de experiências que foram vivenciadas, em tempos diferentes, tornam essa trajetória plural e multifacetada.

Também foi observado que os guitarristas em questão têm preferências por diferentes fontes de aprendizagem musical, bem como por distintas maneiras que essas fontes transmitem os conteúdos. Além disso os guitarristas demonstraram ter maneiras específicas que eles não gostam para aprender música, inclusive recusando-as quando são incumbidos de fazer, provavelmente pelas más experiências passadas nesses contextos ou fontes de informações.

Conhecendo a trajetória musical dos guitarristas, pensei o quanto os professores de música ainda podem melhorar, no sentido de poderem oferecer um ensino mais diversificado e mais dinâmico aos seus alunos, possibilitando que suas potencialidades sejam valorizadas. A negação de potencialidades acontece bastante nos contextos de ensino e aprendizagem de música, ainda muito incentivados por didáticas tradicionais em que os métodos de ensino prevalecem intocáveis e inquestionáveis, dificultando a aprendizagem de música e tornando-a uma arte para poucos (àqueles que se enquadrarem a essas formas).

Por fim, esclareço que os guitarristas investigados estruturam suas redes de aprendizado musical, misturando as diversas fontes que têm contato durante sua trajetória na música, organizando-as da melhor maneira possível para seu aprendizado de forma consciente e inconsciente. Essa organização, ao mesmo tempo, contempla todas as fontes de aprendizagem vivenciadas no passado com as novas descobertas e suas possibilidades de ligação, caracterizando como sendo a complexidade na construção do conhecimento musical.

A educação musical precisa estar atenta para considerar as partes tanto quanto o todo na construção de conhecimento musical, valorizando a bagagem de seus alunos, possibilitando que professores se permitam aprender com eles e a desenvolver propostas metodológicas que potencializem suas facilidades. Assim, os alunos poderão ter a chance de conhecer a vida através da música, bem como toda complexidade do ser e da existência do mundo que o circunda, construindo seus pensamentos e ideais em prol da humanidade.

Referências

ARONE, Mariangelica. **Autoformação docente à luz do pensamento complexo**. 2014. Tese (doutorado). Universidade Nove de Julho – UNINOVE. São Paulo, 2014.

BELTRAME, Juciane A. **Educação musical emergente na cultura digital e participativa: uma análise das práticas de produtores musicais**. 2016. Tese (Doutorado). Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2016.

BELTRAME, Juciane A. O *home studio* como espaço de criação e aprendizagem musical. **DEBATES**, Rio de Janeiro, n.18, 136-161, maio. 2017.

BELTRAME, Juciane A. Transformações tecnológicas e mudanças na aprendizagem musical: um estudo sobre redes sociais na aprendizagem online. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE PÓS-GRADUANDOS EM MÚSICA – SIMPOM, III., 2014, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: UNIRIO, 2014. 357 – 366.

CERNEV, Francine K. Aprendizagem Colaborativa Mediada pelas Tecnologias Digitais: um estudo realizado nas aulas de música no contexto da educação básica. **Hipertextus Revista Digital**, v.10, Jul. 2013.

CERNEV, Francine K. **Aprendizagem musical colaborativa mediada pelas tecnologias digitais: motivação dos alunos e estratégias de aprendizagem**. Tese (doutorado). Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2015.

CERNEV, Francine K. Aprendizagem musical colaborativa mediada pelas tecnologias digitais: uma perspectiva metodológica para o ensino de música. **Revista da ABEM**, v. 26, n. 40, p. 23-40, jan./jun. 2018.

CERNEV, Francine K. Educação musical na era digital: experiências coletivas e os desafios para o uso das tecnologias digitais nas aulas de música. **Música em Contexto**, Brasília, n.1, 9-26. 2016.

ENGEL, Guido I. Pesquisa-ação. **Educar**. Curitiba, n.16, p. 181-191. 2000.

FERREIRA, Saulo. Ensino coletivo de guitarra: reflexão e ação pedagógica para comunidade; uma proposta de método. **Revista MUSIFAL**, Maceió, Ano 2, n. 2, 6-16. 2010.

HARARI, Yuval Noah. **Homo Deus: uma breve história do amanhã**. Tradução Paulo Geiger. Editora Companhia das Letras: São Paulo, 2016.

MARIANO, Anderson de S. **Diretrizes e perspectivas para o ensino superior de guitarra elétrica no Brasil**. 2018. Tese (doutorado). Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2018.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Tradução Eloá Jacobina. 8ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

MORIN, Edgar. **Complexidade e transdisciplinaridade: a reforma da universidade e do ensino fundamental**. Tradução de Edgard de Assis Carvalho. Natal: EDUFRN, 1999.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Tradução Eliane Lisboa. Porto Alegre: Sulina, 2015.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 2ª edição. São Paulo: editora Cortez, 2000.

PAARMANN, Heraldo. **Jovens guitarristas, aprendizagem autodirecionada e a busca pela orientação musical**. 2016. Dissertação (mestrado). Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista. São Paulo, 2016.

PEQUINI, Alexandre T. **O uso de tecnologias no cotidiano, na educação e no ensino musical sob uma perspectiva educacional e sociocultural**. 2016. Tese (doutorado). Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. São Paulo, 2016.

VANZELA, Alexander. **Aplicação do software Guitar Pro no ensino de guitarra elétrica e a colaboração para o aprendizado e redução da ansiedade: uma proposta de uso de partitura e tablatura**. 2016. Dissertação (mestrado). Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. Diamantina, 2016a.

VANZELA, Alexander; OLIVEIRA, Leida C.; CARVALHO, Marivaldo A. A notação musical: facilitadores no aprendizado de guitarra. **Revista da Universidade Vale do Rio Verde**, v. 16, n.1, p. 1-11, jan./jul. 2018.

VANZELA, Alexander; OLIVEIRA, Leida C.; CARVALHO, Marivaldo A. Música, tecnologia e educação musical: a guitarra em foco. **Música em perspectiva**, Curitiba, v.9 n.2, p. 121-133, dezembro. 2016b.